



Relação entre o templo de culto solar, a cruz ansata, a cruz tau e o touro

$$V = \Delta = 0$$

Com respeito à Grande Pirâmide de Quéops, traçou-se todo tipo de afirmações que, no máximo, podem chegar a conjecturas mais ou menos verossímeis. O perigo de erro nas hipóteses consiste na pretensão de querer-se ver nelas o que se deseja, não a realidade. Por outro lado, a perspicácia está em poder-se relacionar sugestões razoáveis. Curiosamente, no traçado das linhas fundamentais da Grande Pirâmide, baseadas em uma geometria sagrada, é possível perceber-se a importância do trinário ou triade, a partir de sua forma piramidal. Além disso, ganha significado a superposição dos dois triângulos opostos que formam o Selo de Salomão — ou seja, o explícito princípio hermético de “como em cima, assim é embaixo”. Significativamente, o centro dos dois triângulos coincide com a situação da câmara na pirâmide, onde se encontra o misterioso sarcófago vazio.

Sem podermos aduzir prova prática ou demonstrativa, mas simplesmente — como tantos outros — movendo-nos na área da especulação imaginativa ou intuitiva, acreditamos que o sarcófago aberto, vazio e sem tampa, serviu apenas como experimentação ritual e suprema, nos quatro graus de iniciação hermética. Podemos imaginar o aprendiz, colocado no interior da tumba vazia, com os pés unidos em forma de “cruz”, “aspa” e “X”, à maneira de símbolo gestual dos quatro pontos cardeais e dos quatro ciclos estacionais do ano: primavera, verão, outono e inverno. Ao mesmo tempo, a união dos pés indicava a passagem do fluido elétrico do corpo humano, em circuito fechado. Com as mãos cruzadas sobre o peito, ficava todo o corpo recolhido em si mesmo, a fim de que todo o magnetismo animal ou mesmeriano continuasse o circuito, sem desperdício de sua energia vital, à semelhança da circulação do sangue, que se derrama quando as veias são cortadas.

Em seguida, era aplicada ao aprendiz a mistura conseguida pela maceração do cogumelo *Amanita muscaria*, que os egípcios mesclavam com enxofre, formando um unguento ou pomada, perfeitamente dosificado, graças à prática conseguida em aplicações anteriores. O unguento, cuja base era o poder alucinógeno do cogumelo divino da imortalidade, era aplicado entre as sobrancelhas, na pele e sobre a sutura craniana, permitindo-se assim o fluxo do unguento sobre o cérebro. Desta forma, conseguia-se que o aprendiz, entrado em transe ou estado mediúnico, se isolasse das ligaduras do corpo, liberando assim os elementos